

Lula ou Fascismo

Marcelo Zero, sociólogo, DF 02/02/2018



As últimas pesquisas de opinião mostram que a disputa eleitoral de 2018 deverá ser bem diferente do usual.

No Brasil pós-ditadura, as disputas em geral envolveram forças de esquerda e centro-esquerda contra forças de centro-direita e direita que competiam pelo voto do centro político e dos indecisos. Havia duas características marcantes nessas disputas: os projetos políticos antagônicos estavam canalizados em grandes partidos institucionalizados (com a trágica exceção de Collor) e todas as forças davam apoio explícito à consolidação da democracia no Brasil. Senão a uma democracia social e substantiva, pelo menos à democracia política e formal.

Agora, no entanto, as pesquisas mostram que o segundo lugar da preferência popular, bem atrás do líder Lula, que não para de crescer, é ninguém menos que Bolsonaro, sujeito claramente fascista, que não tem o menor apreço pela democracia e suas instituições. Os outros possíveis candidatos da direita tradicional, como Aécio, Marina Silva etc. já foram ofuscados por essa figura caricata e lamentável, que incorpora o pior da direita mais reacionária e autoritária, emergida de um exercício de paleontologia política.

Essa é uma situação inimaginável há pouco tempo.

Claro está que o crescimento da direita reacionária, autoritária e antidemocrática não é característica peculiar ao Brasil do golpe. É fenômeno comum a muitas democracias.

Em situações normais, a estabilidade política das democracias capitalistas está embasada num equilíbrio pendular que envolve a disputa democrática do centro político.

Em certas conjunturas, o centro político se desloca para a direita, fazendo que partidos de centro-direita tenham hegemonia. Em outras, o centro político se desloca para a esquerda, configurando governos de centro-esquerda.

Esse equilíbrio pendular foi particularmente importante no pós-guerra, a fase que Hobsbawn denominou “de ouro” do capitalismo, na qual houve crescimento econômico, distribuição de renda, construção de um moderno Estado de Bem-Estar e estabilidade política. Nessa fase, as instituições democráticas e políticas, inclusive os partidos, foram capazes de limitar e arbitrar os conflitos distributivos inerentes à acumulação capitalista.

Entretanto, em situações de crise esse equilíbrio político e a capacidade das instituições de absorver e dirimir conflitos tornam-se voláteis e incertos.

Isso é particularmente verdadeiro no caso de crises sistêmicas, profundas e duradouras, como a que estamos vivendo. Nessas situações, os conflitos distributivos se tornam intensos e frequentemente extrapolam a capacidade do sistema de representação e das instituições democráticas de absorvê-los e arbitrá-los. Assim, há uma tendência de dissolução do centro político e de crescimento de forças à esquerda e à direita.

O radicalismo ganha força e partidos que têm uma identificação mais clara com propostas ideológicas bem definidas, situadas em campos opostos, se destacam, em meio ao cansaço com o “establishment”, a falta de resposta das instituições, o fracasso das políticas neoliberais de ajuste e o crescimento do desemprego e das desigualdades.

A luta de classes, nessas circunstâncias, extrapola a capacidade das instituições e do sistema de representação de institucionalizar e administrar conflitos, tal como sustentava Ralph Dahrendorf.

Ao mesmo tempo, surgem, aproveitando-se da insatisfação e do vácuo político, forças que se apresentam como “apolíticas” ou como detentoras de uma “nova política”, contrapondo-se aos partidos tradicionais, que não apresentam soluções concretas para a crise econômica e social.

Contudo, no Brasil há um sério agravante. Ao contrário do que ocorre, por exemplo, na Europa, aqui a direita e a centro-direita tradicionais insuflaram o fascismo ascendente.

As nossas oligarquias econômicas e políticas, que nunca foram elites, no sentido que Pareto e Mosca emprestam ao termo, romperam com a democracia. Romperam com a democracia e romperam com o país. Essa é que é a triste verdade.

Insuflaram as forças mais retrógradas do Brasil para dar um golpe contra a presidenta honesta e colocar no poder a “turma da sangria”. Saíram às ruas junto com Bolsonaro, MBL e outros grupos protofascistas, que pediam intervenção militar e condenavam a democracia e a política de um modo geral. Chocaram o ovo da serpente que injetaria veneno mortal em nossas instituições democráticas.

Em sua obsessão irracional de tirar o PT do poder a qualquer custo, abriram a caixa de Pandora do nosso fascismo tupiniquim, que agora floresce e os engole. Na sua sanha em derrubar a presidenta eleita, destruíram a democracia e jogaram na lama o voto popular. Em sua tentativa de limar a credibilidade do PT, destruíram a legitimidade de todo o sistema de representação política.

Em seu desespero para acabar com o modelo de crescimento com distribuição de renda e eliminação da pobreza, acabaram mergulhando o país na pior depressão da sua história. Em sua avidez para recompor as taxas de lucro, destroem a economia do Brasil. Na sua concupiscência em vender e privatizar tudo o que for possível, destroem a Petrobras e todos os mecanismos estatais indispensáveis à indução do desenvolvimento nacional e vendem o pré-sal e até terras para estrangeiros.

Em sua ridícula cruzada macartista contra o “bolivarianismo”, erodem a soberania nacional e recolocam o país na órbita estratégica dos EUA, como país dependente e de estatura menor. Em sua campanha desinformada contra o Mercosul e a integração regional, fragilizam o principal mercado externo da nossa indústria. Destroem também a indústria de defesa e a possibilidade de termos ciência e tecnologia nacionais.

Na sua obsessão em tornar o Brasil atraente para os investidores estrangeiros, destroem a saúde pública, a educação pública e a previdência dos trabalhadores. Jogam na cloaca do mercado a Constituição Cidadã de 1988.

Insuflaram também juízes e procuradores messiânicos contra o PT e acabaram destruindo a construção pesada brasileira e assestaram golpe duríssimo contra a engenharia nacional. Acabaram também com a nossa competitividade na exportação de serviços, setor estratégico que mais cresce no mundo. Erodiram a credibilidade da justiça e transformaram o próprio STF em biruta de aeroporto, que se move, de forma oportunista, conforme o vento político. Não há mais segurança jurídica no Brasil. Aliás, não há mais segurança nenhuma para ninguém.

Nessas circunstâncias, Bolsonaro e aventureiros assemelhados têm tudo para crescer ainda mais. Nessas circunstâncias, a nossa direita tradicional não terá forças para se opor ao fascismo ascendente. O (des)

governo Temer é a nossa República de Weimar. Será engolido pelo monstro que cultivou. Teremos um Trump bem piorado.

A única esperança democrática é Lula. Lula e uma união das forças progressistas do país. O Brasil, mesmo com toda a companhia midiática e o absurdo *lawfare* dirigido seletivamente contra a maior liderança popular de sua história, já sente muita saudade de Lula. Sentirá muito mais em pouco tempo, pois esse governo ridículo que aí está não tem programa e credibilidade para tirar o Brasil da crise.

O Brasil está à beira de uma convulsão social sem precedentes. O Espírito Santo já deu uma pequena amostra do que pode vir por aí.

Acho que o Brasil precisará de Lula antes do fim de 2018.

Fonte:

<http://www.frentepelasoberania.com.br/politica/lula-ou-fascismo/>

